

A INFORMAÇÃO PARA A DEFESA DO TERRITÓRIO

Pelo Ten.-Cel. DULAC

Traduzido da "Revue Militaire d'Information" pelo Ten. CAMILO BOLLA APONTE, na "Revista Militar" (Argentina), de novembro de 1931 e, desta, desta vez, pelo Ten.-Cel. FLORIANO MÖLLER



PARA proporcionar um certo grau de eficiência na luta contra os "Comandos", destacamentos ou unidades aeroterrestres de valor inferior ao batalhão, — é importante habilitar os nossos elementos de intervenção, de tal modo que possam atuar nas melhores condições de tempo e de espaço.

Em quaisquer circunstâncias, esses elementos de intervenção devem ser conduzidos para a área de emprêgo, isto é, lá onde o inimigo foi reconhecido e circunscrito e, onde os golpes dos defensores lhe serão mais perigosos.

Para orientá-los dessa maneira exige-se, como na Aeronáutica, a existência de uma infraestrutura de vigilância, de alerta e de alarme, fixa e móvel, suscetível de revelar, de imediato, o inimigo aeroterrestre, de reconhecê-lo e pressegui-lo, e bem assim, em condições de transmitir constantemente e com a máxima velocidade a todo o mecanismo da "máquina atuante", as informações continuamente obtidas.

VIGILANCIA — ALERTA — ALARME — COMUNICAÇÕES

Tais são os quatro termos-chave desse problema essencial e, de cuja solução mais ou menos afortunada, depende, inegavelmente, o valor real de nossa organização de defesa territorial.

A VIGILANCIA

É necessário entender esta palavra em sua mais ampla acepção. São todos os olhos, fixos ou móveis, humanos ou eletrônicos, que impedem que alguém possa aterrizar e portanto, fazer evoluções sobre o nosso território, sem ser percebido ou localizado de imediato. Qualquer que seja a fortuna que possa presidir a escolha dos postos de observação fixos, depreende-se, sem dificuldade, que o sistema não terá valor algum, sem o complemento de postos móveis, que assegurem a vigilância dos "ângulos mortos", de modo tão permanente quanto seja possível.

Parece já a primeira vista — façamo-lo notar desde já, — que o seu custo será muito elevado. Mas, também é preciso salientar que em *última ratio*, é necessário decidir-se pelo "tudo ou nada", porque, se contarmos com lacunas na vigilância, as mesmas serão sempre aproveitadas para a aterrissagem dos "Comando" inimigos. Disto resultaria que, em tais circunstâncias, 999 em 1.000, o alerta não seria mais que a consequência do alvoroço causado pelo próprio cumprimento da missão por parte do inimigo. Nesta eventualidade e em caso de êxito por parte do destacamento inimigo, o defensor sofreria, de início, um rude golpe.

O ALERTA

Ver em toda parte é indispensável e está certo, mas não significa

nada se não se faz chegar o aviso ao pessoal em cujo benefício funciona a rede de vigilância. Este aviso é o que denominamos alerta, o qual é dado por cada posto de vigilância às autoridades, unidades, postos vizinhos, etc., que figurem em suas instruções ou ordens de alerta. A quase instantaneidade das transmissões de alerta condiciona, de modo imperativo, o valor do bônomo "Vigilância-Alerta" e que sua lentidão significará esterilidade.

O ALARME

Por meio da vigilância, o inimigo é avistado. Isto é informado ao pessoal interessado, por meio da alerta. Assinalam-se a seguir algumas medidas, das quais:

— umas tenderão a reforçar a guarda dos pontos fracos;

— outras, a orientar as unidades de ação para o seu presumido local de emprêgo;

— algumas, por fim, de choque imediato, permitirão que pequenos destacamentos, escassamente armados, mas flexíveis, móveis e ativos, possam ir ao encontro do inimigo, impedindo-lhe a fuga de modo definitivo.

Estes destacamentos, que denominaremos "Grupos de alarme", atuarão eficazmente, na medida em que os informes recebidos dos postos e das patrulhas de vigilância possam ser cotejados com a máxima celeridade.

AS COMUNICAÇÕES

Para que o alerta seja dado pelo posto de vigilância, que os grupos de alarme sejam advertidos e que sejam convocados os destacamentos de ação, não só se exigem comunicações perfeitas, mas também que as mesmas estejam sujeitas à lei imperativa da instantaneidade.

Com efeito, o inimigo é um virtuoso da fluidez, da velocidade e do despistamento. O que se souber dele num dado instante, será falso pouco tempo depois, de modo que se o proveito que se tirar da informação que lhe concerne, não fôr

bastante próximo do momento em que se a recolheu, o defensor golpeará no vazio ou simplesmente não golpeará. E assim surge um imperativo maior, cuja tirânica exigência seria vão calar:

— "Transmitir com a maior rapidez ou chegar sempre tarde demais."

Em conseqüência — e aqui entramos no âmago do assunto — se se consideram as soluções referentes aos problemas da vigilância, do alarme e da intervenção (cujos casos particulares voltaremos a examinar), para contar com as comunicações-relâmpago que encerrarão o inimigo dentro de uma rede implacável e conduzirão sobre ele, com toda a segurança, as nossas forças de ação móveis, será necessário criar turmas qualificadas e portanto consentir desde já num pesado sacrifício financeiro.

Antes de irmos mais longe, tratemos de, à luz dos ensinamentos extraídos de experiências já vividas, dar uma solução aos problemas da vigilância e do alarme.

A VIGILANCIA OU A BUSCA DE INFORMAÇÕES

Baseado em estudos teóricos e em manobras realizadas em grande escala, o General Linhares elaborou um documento no qual aborda o problema de maneira completa. Nada melhor que nos basearmos num juízo tão autorizado.

A) O QUE É MISTER PEDIR AO SERVIÇO DE VIGILANCIA

Este serviço deve permitir conhecer:

a) Antes do lançamento dos pára-quedistas:

— Os elementos da quinta-coluna, suscetíveis de prestarem ajuda eventual aos pára-quedistas inimigos, para impedir que possam causar danos;

— Os locais prováveis de descida, tendo em vista impedir que sejam utilizados;

- A relação dos pontos sensíveis;
- As áreas de reunião suscetíveis de serem utilizadas por pára-quadistas.

O Serviço de Vigilância deve procurar também *despistar* os aviões inimigos e bem assim conhecer a origem, quantidade, direção e natureza dos aparelhos.

b) Durante ou depois do lançamento dos pára-quadistas:

- A hora de descida;
- O local de descida utilizado;
- A importância aproximada dos efetivos lançados (número de aviões).

Os primeiros dados acima citados, são os mais importantes. Entretanto, podem completar-se com os seguintes, menos essenciais:

- A direção tomada pelos destacamentos de pára-quadistas, seja imediatamente após o lançamento ou durante o período de sua permanência no território;
- Os contactos entre os pára-quadistas e a quinta-coluna;
- As "áreas de reunião" escolhidas pelos pára-quadistas para bivacarem ou se concentrarem;
- O dispositivo adotado;
- As incursões ulteriores de aviões inimigos (reforços ou abastecimentos).

B) AS FONTES DE INFORMAÇÕES

Em uma determinada área, as fontes de informações são múltiplas:

- Polícia militar estadual;
- Serviço de vigilância e postos de artilharia antiaérea;
- Unidades estacionadas no território;
- Organizações da polícia civil;
- Representantes da administração civil (prefeitos, subprefeitos, inspetores seccionais, etc.);
- Agentes dos serviços públicos (Ferrovias, Correios e Telégrafos,

Obras Públicas, Caça e Pesca, Águas, Serviço Florestal, Serviços alfandegários, etc.);

- Moradores locais.

C) ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE VIGILANCIA

Em razão mesmo da multiplicidade das fontes, o Serviço de Vigilância deve ser organizado e coordenado de modo a que possa ter um rendimento eficaz. Chega-se assim à idéia de um "reticulado de informações" tão apertado quanto seja possível e cujas malhas sejam nitidamente definidas.

Evidentemente, é da maior importância que cada reticulado:

a) Corresponda às regiões do território nacional já existentes (estado, municípios, distritos), com o fim de se evitar a superposição de autoridades e assim aproveitar as conexões estabelecidas em tempo de paz (utilização máxima da rede postal, telegráfica e telefônica, indispensável à transmissão de informes).

b) Esteja centralizado em uma organização estável implantada com caráter permanente no país, a qual conheça a fundo sua esfera de ação (território e habitantes), já orientada nas questões de vigilância e de polícia, que disponha de armas e seja composta de elementos nos quais se possa depositar inteira confiança.

Por conseguinte, a organização mais indicada para tomar como base para o reticulado de informações seria a polícia militar estadual, cuja distribuição poderia ser a seguinte:

- Um destacamento por município;
- Um pelotão por distrito;
- Um grupo por zona, linha ou colônia.

Cada comandante de destacamento é o chefe de uma das malhas do reticulado, cujos limites coincidem com os do seu município (no caso em que vários des-

tacamentos se sobreponham em um mesmo município, o comandante do destacamento estacionado na sede de um município é o Cmt. da malha do reticulado correspondente).

No interior de cada reticulado de informações, o Cmt. respectivo organiza o seu plano de pesquisa. A resolução deste problema foi objeto de estudos muito acurados, que não vêm a pêlo transcrever no presente artigo, motivo pelo qual não nos aprofundamos mais nesta exposição.

O recrutamento dos agentes de informações será a parte mais delicada do papel do comandante do destacamento.

D) A TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES E O ALERTA

O objetivo a atingir neste caso, é a rapidez. Devem para isso aplicar-se as regras seguintes:

a) Toda informação recolhida, qualquer que seja a fonte, deve ser transmitida imediatamente ao comandante do destacamento do território em que foi obtida;

b) Todo Cmt. de destacamento de polícia, que recebe um informe, o deve retransmitir imediatamente:

— a seu chefe direto (inspector ou Cmt. de elementos regionais, abrangendo um grupamento de municípios), o qual o retransmite a seu chefe hierárquico (Cmt. da Polícia Militar Estadual);

— aos comandantes de destacamento dos municípios vizinhos;

— aos postos de vigilância que estão sob sua dependência e dos quais não tenha procedido a informação. Desta maneira, êsses postos cooperam na localização, se já não a tenham obtido pelo conhecimento prévio do informe.

Os comandantes de destacamento, pelotão, ou grupo de polícia comunicam os dados que recolherem aos comandantes militares territoriais (Cmts. de região militar, etc.) ou aos comandantes de unidades de

intervenção imediata estacionadas em seu território. Deve lembrar-se que, com efeito, a luta contra os pára-quedaistas constitui uma das tarefas permanentes destas autoridades.

d) Toda informação recebida por via estranha ao Serviço de Informações da Polícia Estadual e chegada às mãos de uma autoridade administrativa ou técnica (subprefeito, prefeito, chefe de distrito de ferrovia, inspetores ou guardas florestais, etc.), deve ser comunicada imediatamente ao Cmt. dos elementos de polícia da respectiva jurisdição, o qual dá comunicação aos destacamentos interessados.

Além do seu papel essencial e permanente de colheita e transmissão de informações, complementarmente a polícia estadual deve de igual modo, achar-se em condições de proceder à verificação e investigação da identidade de todos os indivíduos suspeitos que se encontrem no território sob sua jurisdição, os quais serão vigiados eventualmente, cotejando-se suas declarações. É importante que todo indivíduo estranho ao município seja encaminhado à polícia civil e interrogado por esta.

O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA DE ALARME

O General Linhares, citado no início deste trabalho julga aconselhável que o escalão da rede de vigilância disponha de um destacamento de alarme local. A falta de tropas regulares estacionadas na área, êste destacamento será constituído por elementos civis cuidadosamente recrutados no local determinado pela polícia civil e, na medida do possível, recomendados por um policial.

Os destacamentos de alarme locais são acionados pela polícia civil. A missão dos destacamentos de alarme locais não é a luta ativa, em virtude mesmo de sua debilidade e de sua composição. Devem contentar-se em positivar o informe mediante um ligeiro contacto.

Alertado pelo chefe da rede de vigilância do momento em que um pára-quedista tenha sido assinalado no município (ou que seja procedente de um município vizinho), o destacamento de alarme local recebe sua missão, a saber :

— Localizar o "comando" pára-quedista (contacto ou por meio de investigações efetuadas em certos pontos suspeitos) ;

— Reforçar a vigilância de um dado ponto ou numa determinada linha ;

— Se a surpresa fôr viável, armar uma emboscada ao inimigo para procurar eliminá-lo ou capturar-lhe alguns homens. (Não se deve esquecer que os destacamentos de alarme se compõem apenas de civis e que seu armamento não pode ser senão precário ; assim, em princípio, não realizarão nenhum ato ofensivo, a menos que a proporção de forças lhes seja favorável). Um "comando" que sofre perdas fica desamparado e, carente de meios rápidos não poderá reagrupar-se senão após um prazo mais dilatado.

Na medida do possível, os destacamentos de alarme locais devem contar com meios de transporte previstos com antecedência, bem como com artifícios de sinalização (foguetes, por exemplo).

Estes destacamentos, cuja ação depende do serviço de vigilância, vem a ser o prolongamento normal das fontes de dados extraídos das primeiras informações. Mantendo, no mínimo, contacto visual com o inimigo, os mesmos antecipam com sua vigilância dissimulada, a intervenção que se prepara e que assinalará o fim deste ciclo de atividades diversas.

* * *

Os civis e a polícia civil devem cooperar para que o sistema seja pôsto em prática.

De que civis se pode tratar ? Em nossa opinião, é necessário escolher homens possuídos de uma certa estabilidade, quer dizer, capazes de prepararem-se e se adestrarem para as tarefas que lhes forem atribuídas e suscetíveis de figurarem nos quadros da organização durante muitos anos. Se se admitir uma renovação demasiado freqüente desses "convocados", jamais se chegará a fazer funcionar a máquina com eficiência, correndo-se o risco de que se anule no primeiro esforço sério.

Necessitando-se de pessoas que permaneçam no lugar em que residam, seria conveniente recrutar, por intermédio dos Cmts, dos destacamentos de polícia, homens liberados de obrigações militares, voluntários, mas aptos para tarefas que exigem principalmente um perfeito conhecimento do país e capacidade para efetuar esforços, embora de curta duração.

Parece, a julgar pelos resultados colhidos pela prática, que esse objetivo pode alcançá-lo-se sem maiores tropeços (1).

Se o problema "pessoal" pode encontrar dessa maneira uma solução aceitável ; — o do "material" já não é tão simples. Há dois componentes : o *material rodante* exigido para colocar recionalmente em ação a vigilância móvel e alguns destacamentos de alarme e o *material de comunicações*.

Reservando para o final o estudo das comunicações, vamos descrever rapidamente o concernente às viaturas.

Não se poderá dotar a vigilância móvel e os destacamentos de alarme de viaturas militares do tipo "jeep", o que é de veras lamentável. Não restará, pois, outro expediente que o de preparar a requisição dos automóveis particulares porventura necessários, fazendo o possível para reservar à defesa territorial a possibilidade de escolhê-la, em função das características

(1) Todo destacamento de polícia digno deste nome, tem seus informantes de tempo de paz, independentemente da defesa territorial. Não há, pois, nenhuma dificuldade em recrutar o pessoal da vigilância (N.A.).

recomendáveis ao gênero de trabalho que devam executar. Deverão ser sólidos, descobertos, de dimensões reduzidas e, na medida do possível, os "jeeps" que atualmente prestem serviços em atividades particulares, serão reservados para essa missão.

Chegamos agora à parte crucial desta exposição, pois deixamos entrever, na ocasião em que abordamos o problema das comunicações, que de sua boa ou má solução depende toda a validade do sistema.

Antes de lançarmos-nos a este estudo, apresentaremos um axioma e formularemos uma observação no afã de ser claros.

I — "As informações recolhidas em benefício de toda ação de defesa territorial deverão ser transmitidas instantaneamente ou do contrário perderão uma parte considerável de seu valor".

II — "A modalidade de combate dos "comandos" aeroterrestres ou das guerrilhas exige como primeira providência, o isolamento dos pontos sensíveis ameaçados pela destruição sistemática da rede telefônica existente em torno dos mesmos. Em tais condições, o emprego desta rede para a retransmissão dos informes não pode ser considerado senão como um procedimento de "emergência".

Isto nos leva a procurar uma solução ao problema da instantaneidade das transmissões na utilização dos meios sem fio. Entre eles se relacionam os meios acústicos, óticos e o rádio. O esqueleto do sistema deve ser o rádio, graças à sua segurança relativa e alto rendimento, sempre que seu emprego seja regido por normas e processos simples e que, principalmente se efetuem amplas transmissões "no ar" destinadas a todos e de exploração instantânea. Entretanto, se se desejar dotar todo o território com estes equipamentos, parece à primeira vista que é necessário realizar um esforço econômico considerável. Em todo caso, deverá efetuar-se um balanço dos meios, de comum acôrdo com as autoridades

civis regionais e os comandantes das polícias estaduais.

A este respeito, o General Linhares, resumindo as características da luta contra os pára-quedistas, expressa-se nos seguintes termos:

"A rapidez de intervenção supõe:

— "Uma rede de comunicações flexível e segura. O rádio é o único meio que dá uma segurança de funcionamento quase perfeito. Seria desejável que todas as unidades de polícia fossem dotadas desse meio em tempo de paz. O telefone apresenta numerosos inconvenientes. Estas considerações não devem ser perdidas de vista por todos os escalões encarregados de organizar a defesa contra pára-quedistas em uma determinada área."

É necessário, antes de tudo, que a informação seja recebida imediatamente pelos PC de destacamento, depois de haver sido recolhida por uma das turmas de vigilância ou de alarme, fixa ou móvel. Parece pouco razoável encarar a instalação de um equipamento rádio em um escalão municipal; mas poder-se-ia apelar para o interessante recurso dos meios óticos, que permitem a transmissão rápida de mensagens codificadas, muito curtas e, por sua vez, muito precisas.

Mas, não eliminamos "a priori" as soluções acústicas, às quais faz alusão o Coronel Thoumin. Pensamos que, para evitar confusões ou o enervamento devido a erros inevitáveis, seu papel deve limitar-se com mais vantagem à emissão de chamadas para pôr em ação os aparelhos óticos, no momento necessário.

Assim, pode ficar decidido apelar-se para a forma nítida e muito simples de um certo sinal acústico (sino de igrejas, por exemplo), que determine aos operadores dos postos óticos colocarem-se em situação de vigilância.

Desse modo, veríamos, esquematicamente, que a informação segue o caminho seguinte: do posto de

vigilância ao destacamento de polícia por via ótica e telefônica, se esta funcionar; a partir do destacamento, pelo rádio e repetida, pelo telefone, sob a condição indicada precedentemente; em último recurso há também os mensageiros em bicicletas e motocicletas. Com efeito, é desnecessário mencioná-las porque ninguém deixará de utilizar ambos os meios, ou quaisquer outros, em caso de necessidade imperiosa.

O essencial deste assunto é considerar como um imperativo a necessidade de comunicações instantâneas e, como corolário, não adotar-se uma solução de oitiva, sem fixar como primeiro objetivo, o de substituí-la o mais cedo possível por uma melhor. A tendência censurável é a de fazer o "quase" por necessidade e depois conservá-lo por negligência ou indolência.

Só uma grande capacidade intelectual a serviço de uma sólida sensatez, pode pôr-nos a coberto de semelhantes erros, nos quais, convenhamos, por vêzes, caímos com demasiada facilidade.

* * *

Das experiências a que nos foi dado assistir, fixaremos algumas conclusões:

— Que, em primeiro lugar, é muito difícil localizar um "comando" pára-quedaista lançado à noite, antes que o mesmo haja manifestado sua agressividade.

— Que esta manifestação de agressividade coincidirá muito a meu-de, com o ataque a um ponto sensível.

— Que a defesa possui então, em todo caso, um dado seguro quanto à localização (no tempo e no espaço) do inimigo, qualquer que seja o curso dos acontecimentos.

— Que a reação dos Cmts. de todos os escalões deve ser a de cercar a área localizada, de maneira tal, que se tenha quase a certeza de haver apanhado o inimigo no interior da rede com um mínimo de perdas. Isto só se pode executar com eficácia, quando a transmissão dos informes que dão origem ao alarme tenha sido instantânea.

O tempo perdido que precede àquela manobra, pode ser reduzido, com as seguintes ressalvas:

— Que esse cerco não seja executado pelos destacamentos de intervenção (2) cujo sistema de ação repousa na concentração dos meios. Como concessão máxima, esses destacamentos podem cooperar no esforço de encerramento, contribuindo ao mesmo com seus pelotões de reconhecimento.

— Que, em definitivo, não se deve perder de vista, que se trata antes de tudo de salvaguardar os pontos ou áreas sensíveis e não de terminar uma esplêndida caçada, começada demasiado tarde, com um alarido de vitória. O interesse primordial é dedicar a máxima atenção possível à organização da proteção dos pontos ou áreas sensíveis, reforçando-os e não prestar apoio aos destacamentos de intervenção, a não ser subsidiariamente.

A menos que exista uma força suficiente, bem disposta sobre o terreno, é a defesa fixa que oporá o obstáculo mais sério aos intentos do inimigo.

(2) Sua missão essencial é a limpeza metódica das áreas que, graças aos informes dos postos de vigilância e de alarme, são consideradas suspeitas. E, pois, uma verdadeira operação tática.

BANCO DE ITAJUBÁ S. A.

End. Electr. "BANITA" — Matriz: Itajubá — Tels.: 37 e 122 — Sul de Minas
Filial do Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 463 — Tels.: 23-4053 e 43-7868

DISTRITO FEDERAL